

FERNANDO C. PRESTES MOTTA: UMA MEMÓRIA AFETIVA

*Cleide Rita S. de Almeida**

“Mas, primeiro, antes, teve o comêço. E aí teve o antes-do-comêço; que o que era – a gente vindo, vindo. Meu coração é que entende, ajuda a minha idéia a requerer e traçar”.

(GUIMARÃES ROSA)

*Doutora em Educação pela USP; Professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e Diretora de Pós-Graduação em Educação e em Administração da UNINOVE.

Falarei sobre uma história que articula amizade e trabalho, ou trabalho e amizade, e teve sua provocação inicial quando o Coordenador de Política Editorial da Uninove, sabendo que eu tinha sido orientada pelo Prof. Fernando Motta no doutorado, convidou-me a escrever um texto sobre ele. Falar de um encontro é interessante porque nos leva a vasculhar os materiais da memória e a temperá-los com sentimentos. Narrar o que foi implica uma inteligibilidade do passado e também uma reflexão sobre o presente, especialmente nesse caso em que os contextos se entrelaçam.

Naquela noite de terça-feira, 3 de setembro de 2002, estive na homenagem ao Fernando, na GV, e acompanhei os vários depoimentos e testemunhos. Agora, considerando o pedido de falar sobre ele, pensei se teria mais alguma coisa a ser dita. E se tivesse, como apreendê-la e expressá-la com a sensibilidade necessária a essa tarefa? Foi aí que me lembrei de Carlos Castañeda, em seu livro *A erva do Diabo*, que, arrisco dizer, foi significativo para toda uma geração. Há duas passagens que me marcaram muito: uma em que Dom Juan falava sobre os inimigos de um homem de conhecimento, discorrendo sobre as fases e os perigos da aprendizagem, e outra, em que ele dizia ser inútil desperdiçar a vida num caminho se ele não tivesse coração. A sensibilidade de Dom Juan me lembrou Fernando, com quem fui estudar uma coisa e aprendi várias outras.

Procurei-o, pela primeira vez, na Faculdade de Educação da USP, sob conselho de meu orientador de mestrado, que argumentava que meu projeto de doutorado se inscrevia na perspectiva de trabalho da Administração Escolar. Naquele momento, além do projeto, carreguei comigo ansiedade, insegurança e esperança, pois ia ao encontro de um expoente, havia lido alguns de seus textos

e sabia de sua reputação e densidade acadêmicas. Ao buscar um homem de conhecimento, na verdade pude vivenciar não só a riqueza da construção de um processo de aprendizagem, como também um caminho com o coração.

Os cenários dessa experiência foram nossos encontros na Faculdade de Educação da USP, no seu apartamento e em sua sala na GV, esta cheia de cartões postais os quais entendia como símbolos de movimento e diversidade, qualidades que caracterizavam Fernando em seu trabalho acadêmico. Um ou dois cafés expressos compunham a introdução dessa rotina de trabalho. Trago de volta esse período na memória, no sentido literal do verbo recordar, lembrar com o coração, por toda a compreensão que recebi. Nos momentos em que as dúvidas, dificuldades e o cansaço iam me fragilizando, encontrava sempre uma acolhida cúmplice e generosa que me impulsionava para seguir em frente. A convivência com Fernando, em aula e nos encontros de orientação, era instigante e desafiadora pelo seu jeito de problematizar um objeto, situação, problema, pelo tratamento dispensado e pelas sugestões de leituras e atividades.

Resolvi, então, ampliar a homenagem inicial com outros testemunhos. Para estabelecer contatos com pessoas que não conhecia, recorri a Cristina, sua companheira de vida, com quem consegui algumas referências. O telefone e o correio eletrônico ajudaram a celebrar os contatos. Foi um momento interessante, pois, apesar de não conseguir falar com um número significativo de pessoas, as manifestações foram muito expressivas e solícitas. Houve momentos de desencontro e incompatibilidade horária, em especial com Sérgio Piza, para quem ligava sem encontrar, e vice-versa; mas pude perceber que o assunto era tão forte e importante que, graças à perseverança de ambos, conseguimos estabelecer contato, que foi muito valioso, pois, expressando-se poeticamente, ele escreveu: “O Fernando é ‘Pessoa’ em todos os seus heterônimos. Uma aula magna. Um modelo. Um exemplo”.

O contato com Magali de Castro, professora do Mestrado em Educação da PUC de Minas Gerais, foi pautado pela gentileza. Ela falava de sua relação com Fernando como sendo de respeito, amizade e segurança. Comentava que “esperava encontrar um velho professor sisudo e dono da verdade” e encontrou “um professor jovem e aberto ao diálogo”. Entendi perfeitamente o que ela escreveu quando disse que se “considerava atrevida ao procurar diretamente um

‘medalhão’ para orientá-la”, pois, como disse antes, Fernando era um expoente, e havia uma certa aura de inatingibilidade que foi-se mostrando inverídica. Ela relatou também que, nos encontros com o mestre, suas certezas transformavam-se em dúvidas e ela saía com novos desafios, disposta a produzir mais. O incentivo foi outra marca – na ocasião em que falou do seu desejo de estudar em Paris, ele ajudou-a a traçar o caminho para conseguir seu ‘sonho maluco’.

Isabella e Flávio Vasconcelos destacaram alguns aspectos da pessoa de Fernando, como a extrema coerência entre vida e obra, possibilitando-lhe construir a carreira e a vida de forma harmoniosa. Acrescentam que como “estudioso da psique e da afetividade humana, principalmente por meio da psicanálise aplicada às organizações, Fernando possui uma enorme sensibilidade e coloca-se não apenas como um teórico ou técnico de excepcional conhecimento teórico, mas também como um ser humano com capacidade de compreensão e sensibilidades excepcionais”. Eles estendem a admiração que sentem por Fernando a Cristina, “companheira fundamental e esteio de sua carreira”.

Estas vozes contaram uma experiência que é de cada um e, ao mesmo tempo, de muitos outros que não estão aqui nomeados, mas provavelmente representados. Acredito que não só contamos, como também trocamos pontos de vista numa possibilidade lúdica e resistente de manifestação de idéias e sentimentos. Monografias, dissertações e teses relatam um fragmento de um processo que é muito mais amplo e interpessoal. Numa sociedade cada vez mais funcional e instrumental, evocar o processo subjetivo e afetivo que alicerçou um produto cultural não deixa de ser uma forma de praticar ruptura. Uma ruptura que, como vimos, põe no cotidiano acadêmico relações de respeito, confiança, amizade, ética e coerência.